



UFAM

REH- REVISTA EDUCAÇÃO E HUMANIDADES - ISSN 2675-410X

Volume IV, número 2, jul-dez, 2023, pág. 66-104

Análise da conversação: notas par uso em Psicologia Cognitiva – Autoconsciência e interações com criança autista

Conversation analysis: notes for use in cognitive psychology – self-awareness and interactions with autistic children

Alexsandro Medeiros do Nascimento
Antonio Roazzi
Rafaella Asfora Siqueira Campos Lima
Rodrigo Oliveira Damasceno
Silvania Lucia da Silva Carrilho
Henrique Augusto Brust de Jesus
Universidade Federal de Pernambuco

Resumo: Este artigo propõe uma aproximação de estudos da Psicologia Cognitiva à metodologia da Análise da Conversação, oferecendo bases teórico-conceituais convergentes para a sua aplicação empírica. A Análise da Conversação trata de uma metodologia de pesquisa qualitativa voltada à fala em interações que utiliza dados linguísticos, paralinguísticos e socioculturais com a finalidade de esclarecer interações estruturantes à conversa humana. Nesta exposição, pretendeu-se apresentar as bases históricas e epistemológicas da Análise da Conversação, bem como as principais vertentes teóricas que influenciaram sua origem. Também se discorreu sobre sua interface com pesquisas em Psicologia Cognitiva, realçando a utilização dessa ferramenta metodológica em diferentes contextos em que se situam processos cognitivos subjacentes às interações mediadas conversacionalmente. Apresentou-se os modelos teóricos da conversação e os indicadores que conduzem a ação do analista, exemplificando como transformar um dado bruto de pesquisa em um dado transcrito passível de análise. Por fim, foi oferecida uma demonstração de como aplicar empiricamente a Análise da Conversação enquanto metodologia em estudos de psicologia cognitiva na área de autoconsciência, retratando a microgênese de processos autofocalizadores na interação social de uma criança com diagnóstico de transtorno do espectro autista e pesquisadora recebendo treino acadêmico em pesquisa.

Palavras-chave: Análise da Conversação; Métodos Qualitativos; Psicologia Cognitiva; Autoconsciência; Autismo.

Abstract: This article proposes an approximation of Cognitive Psychology studies to the Conversation Analysis methodology, offering converging theoretical-conceptual bases for its empirical application. Conversation Analysis is a qualitative research methodology focused on speech in interactions that uses linguistic, paralinguistic, and sociocultural



REH- REVISTA EDUCAÇÃO E HUMANIDADES - ISSN 2675-410X

data to clarify interactions that structure the human conversation. This exposition intended to present the historical and epistemological bases of Conversation Analysis, as well as the main theoretical aspects that influenced its origin. Its interface with research in Cognitive Psychology was also discussed, highlighting the use of this methodological tool in different contexts in which cognitive processes underlying conversationally mediated interactions are located. The theoretical models of conversation and the indicators that guide the analyst's action were presented, exemplifying how to transform raw research data into transcribed data that can be analyzed. Finally, a demonstration of how to empirically apply Conversation Analysis as a methodology in cognitive psychology studies in the area of self-awareness was offered, portraying the microgenesis of self-focusing processes in the social interaction of a child diagnosed with autism spectrum disorder and a researcher receiving academic training in research.

Keywords: Conversation Analysis; Qualitative Methods; Cognitive Psychology; Self-awareness; Autism.

INTRODUÇÃO

A psicologia cognitiva enquanto ciência está interessada nos elementos estruturantes da cognição, o seu objetivo tem sido descrever e verificar empiricamente como a organização da mente humana é capaz de transformar a informação na passagem de *inputs* para *outputs* (Neisser, 2014). Para oferecer base empírica aos seus testes de hipótese, a psicologia cognitiva tem adotado uma ampla variedade metodológica, pautando-se em experimentos, observações, métodos naturalísticos, estudos de caso e até mesmo simulações computacionais (Sternberg, 1996). Os objetos da cognição, que muitas vezes são tratados teoricamente como tendo estatuto representacional, impõem limitações ao seu estudo e exigem propostas metodológicas pouco convencionais. A este propósito, desejamos apresentar a Análise da Conversação enquanto uma possível ferramenta de estudo da cognição em interações sociais humanas.

O texto está dividido em quatro sessões. A primeira sessão irá discutir o Contexto histórico e epistemológico da Análise da Conversação, apresentando a sua abordagem metodológica e histórica, buscando uma compreensão das questões ligadas ao contexto histórico, epistemológico, metodológico e analítico da Análise da Conversação. Todas essas questões contribuíram para o seu surgimento, principalmente o campo das Ciências Sociais e Filosofia, onde ela emerge como um método indutivo qualitativo que vai além da análise da fala ao considerar as interações em curso enquanto dado. Esta é uma forma



UFAM

REH- REVISTA EDUCAÇÃO E HUMANIDADES - ISSN 2675-410X

de compreender a realidade que não está sempre pronta e que é construída integralmente entre pessoas (Gallifa, 2018).

A segunda sessão irá discutir a Análise da Conversação e pesquisa em Psicologia Cognitiva, apresentando de forma concreta a utilização dessa ferramenta de análise em diferentes contextos e populações. As interações conversacionais são essenciais para construção de significados e desenvolvimento cognitivo (Wootton, 1997; Pedrosa & Carvalho, 2005; Lucena et al., 2021).

A terceira sessão irá discutir os Modelos de Análise da Conversação: Operacionalização e Indicadores de Qualidade, trazendo a compreensão da operacionalização da Análise da Conversação, ou seja, pontuando que para a realização de uma análise da conversação de falas é necessário que se siga com rigor um passo a passo como determinado por Marcuschi (2003). Isso mostra que, assim como qualquer outro método de análise de dados, a Análise da Conversação também possui suas regras que vai desde a transcrição das falas, até a identificação de turnos no texto e marcação dos símbolos que representam essa variação linguística.

Por fim, é oferecido um modelo de Análise da Conversação em interface com o estudo de processos cognitivos, em perspectiva cognitivista de autoconsciência. A análise trata de uma conversação real envolvendo pesquisadora realizando formação acadêmica em pesquisa, e uma criança diagnosticada com transtorno do espectro autista, e a ênfase recai na descrição dos processos cognitivos emergentes instigados pelo meio conversacional.

1. Análise da Conversação em Pesquisa Qualitativa: aspectos históricos e epistemológicos

A presente seção apresenta e discute a abordagem metodológica da Análise da Conversação (AC). Ao refletir sobre o aspecto conceitual, contexto histórico, epistemológico, metodológico e analítico da Análise da Conversação, o presente artigo se propõe a explorar essas questões no domínio da psicologia cognitiva. Aqui pretende-se delinear a relevância do método amplamente reconhecido e utilizado em uma variedade



UFAM

REH- REVISTA EDUCAÇÃO E HUMANIDADES - ISSN 2675-410X

de disciplinas, desde engenharia elétrica, robótica, ciências cognitivas, linguística, psicologia e antropologia, alicerçado também por diferentes áreas (Frazão & Lima, 2017).

Para adentrar no escopo da Análise da Conversação, o ponto de partida é conhecer o que é conversação. Segundo Kerbrat-Orecchioni (2014) existem diversos meios de interação em uma sociedade e a conversação integra a forma mais comum e representativa do domínio das interações verbais. Assim, o objetivo da análise conversacional é explicitar as regras que suportam o funcionamento e regularidade nas trocas comunicativas, nas palavras de Kerbrat-Orecchioni decifrar a “partitura invisível” que orienta essa atividade humana polifônica.

Apesar da referência à “conversa”, o que sugere uma informalidade e improvisado, abrange um leque de interações, desde informais a formais, sociáveis a focadas na atividade, interações face a face a síncronas mediadas por tecnologia, como conversa por telefone e videoconferências. Embora a Análise da Conversação tenha um escopo amplo, o foco recai na organização da conduta, comportamento daqueles que estão engajados nessa atividade, o que distingue esse campo de outras formas de análise do discurso (Clayman & Gill, 2012).

Com o intuito de compreender a origem da Análise da Conversação importa realizar uma breve reflexão histórica e epistemológica do contexto das ciências sociais em que surge a análise conversacional. Tal aporte metodológico surge na década de 60, em meio a sociologia tradicional influenciada pela corrente teórica estrutural-funcionalista. A sociologia compreendia que a sociedade e suas normas gerais prevaleciam sobre os indivíduos, todos os aspectos da ação e interação social eram investigados e descritos sob convenções e normas sociais gerais, padronizadas, havia uma busca por regularidades e relações causais entre os fenômenos. O paradigma predominante, positivista, se caracterizava por uma compreensão de mundo de viés racionalista, substanciado em normas gerais abstratas e, conseqüentemente, produzindo uma teorização abstrata dos fenômenos sociais. Nessa direção, sob a filosofia positivista o conhecimento científico era construído com a atuação direta dos cientistas observando



UFAM

REH- REVISTA EDUCAÇÃO E HUMANIDADES - ISSN 2675-410X

o funcionamento da sociedade, com neutralidade científica por meio do método dedutivo (Clayman & Gill, 2012).

No entanto, nas décadas de 60 e 70, perspectivas sociológicas alcançaram projeção com os “desafios microssociológicos” de interpretar a sociedade com seus conflitos sociais e seus processos de organicidade de cunho subjetivo, perspectivas centradas sobre as habilidades cognitivas e práticas efetivadas pelos seus agentes individuais na ação e interação cotidianas. Com isso, instaurou-se a crise de um modelo clássico de representação da vida social que não mais atendia às necessidades vigentes, a perspectiva estrutural-funcionalista parsoniana (Clayman & Gill, 2012).

Opondo-se à corrente principal da sociologia, teóricos como Erving Goffman e Harold Garfinkel impulsionaram o surgimento das origens da Análise da Conversação ao propor a investigação das particularidades da conduta social na vida cotidiana, um olhar para os microfenômenos da sociedade. Goffman explorou o domínio da interação direta entre as pessoas, com o argumento de que é um tipo de instituição social *per se*, que se cruza com outras instituições sociais mais familiares, mas tem princípios organizacionais próprios, normas de conduta, construídos durante situações de interação da vida comum. Inspirado na fenomenologia, Harold Garfinkel (1967) desafiou a visão dominante de que a conduta social é regulada por normas internalizadas que condicionam o comportamento social. Em contraposição, a conduta organizada emerge por meio de ações práticas dos sujeitos durante a produção e reconhecimento da ação verbal, perspectiva influenciada pelo interacionismo simbólico de Mead. Tais condutas são produto das práticas nas quais os interactantes se apropriam por meio de racionalidade própria que envolve o processo (Clayman & Gill, 2012).

Segundo Garfinkel (1967) as práticas e procedimentos com os quais as partes produzem e reconhecem a conversa são "etnométodos" da conversa. Trata-se de uma perspectiva de descrever procedimentos, saberes e técnicas que os membros de uma dada sociedade usam para administrar como convém os problemas comunicativos que eles têm que resolver na vida cotidiana, utilizando saberes de cunho sociocultural. Eles constituem os recursos que as partes inevitavelmente devem usar para produzir e reconhecer



REH- REVISTA EDUCAÇÃO E HUMANIDADES - ISSN 2675-410X

contribuições para a interação que são mutuamente inteligíveis e que informam a compreensão dos participantes do contexto de sua interação de forma contínua (Scillio, 2010; Kerbratt-Orecchioni, 2014).

Importa mencionar o caráter da ação verbal que permeia a interação social para o surgimento dos estudos sobre a AC. Na perspectiva etnometodológica os símbolos utilizados para nossa comunicação não estão pré-estabelecidos em conjuntos de regras e normas de comunicação preexistentes, mas são construídos e produzidos por processos de interpretação mútua. Há uma clara transição do paradigma normativo, parsoniano, para um paradigma interpretativo, de cunho etnometodológico. Ou seja, os indivíduos produzem os símbolos e códigos utilizados para estabelecer uma comunicação inteligível, interpretando as ações durante a interação. Esses símbolos são reinventados e adaptados a cada novo encontro (Guessier, 2003).

Nessa direção, a análise conversacional se estabeleceu com o fortalecimento da vertente etnometodológica, sob a influência das perspectivas teóricas desenvolvidas por Goffman e Garfinkel (Sacks, Schegloff, & Jefferson, 2003). Com isso, criou-se um modelo de análise conversacional a partir do estudo da tomada ou troca de turnos, de cunho metodológico qualitativo. A contribuição da AC é reconhecer a existência de organizações estáveis, regulares, da interação humana e situá-las dentro de uma compreensão das relações sociais. Envolveu uma mudança de paradigma na conceituação da ação humana da noção de uma estrutura de ação social para uma concepção pluralizada, fruto da ação e interação dos membros na formação da sociedade, ou seja, estruturas sociais projetadas para atender aos fundamentos e exigências da vida humana (Scillio, 2010).

Dessa forma, o estudo da interação social sofre a influência da filosofia weberiana, e a sociologia crítica embasada na teoria da ação social, passa a reconhecer o comportamento ou atuação livre e consciente dos indivíduos na sociedade. Nessa perspectiva sociológica o conhecimento científico ocorre pela observação direta, experimentação, interpretação, descrição e análise dos dados de forma sistemática, com a participação do pesquisador. A conversação resulta do método indutivo e parte de dados



UFAM

REH- REVISTA EDUCAÇÃO E HUMANIDADES - ISSN 2675-410X

empíricos em situações reais, da vida cotidiana, o que lhe dá uma vocação naturalística com poucas análises quantitativas e prevalência das descrições e interpretações qualitativas (Marcuschi, 2003).

A sociedade pós-moderna incorporou a perspectiva de que a realidade passa a ser uma construção do sujeito, uma experiência subjetiva, e validada pelo contexto, onde cada ação é simultaneamente moldada pelo contexto que a ação emerge. Tal paradigma interpretativista, considera que a realidade não é dada a priori, mas construída com as interações entre os indivíduos que a compreendem e a interpretam. Com isso, as possibilidades epistemológicas abarcam métodos que podem ser agrupados no campo da Hermenêutica, com a interpretação da experiência e de seu significado ou da Etnometodologia com suas raízes na antropologia cultural suportando os estudos da Análise da Conversação (Gallifa, 2018).

No contexto brasileiro, a Análise da Conversação tomou dois rumos: Análise da Conversação Etnometodológica e Análise da Conversação Textual e Discursiva. A primeira vertente voltou a sua atenção às minúcias do uso espontâneo da linguagem, valorizando assim a chamada perspectiva êmica, que incorpora a racionalidade humana e as perspectivas dos sujeitos no curso da interação. Os estudos que integraram essa linha de pesquisa, voltaram seus enfoques para os aspectos sociais, como gênero, raça, identidade, classe social dos sujeitos e os aspectos interacionais marcados linguisticamente, como a tomada de turnos. Já a vertente da Análise da Conversação Textual e Discursiva foi impulsionada com a publicação da obra **Análise da Conversação** de Marcuschi (2003). Novos interesses surgiram para o estudo dos mecanismos linguísticos e paralinguísticos envolvidos na produção do texto falado, como o uso de gírias, neologismos, estratégias discursivas de compreensão, interação presente em textos orais ou escritos, bem como diálogos em discursos midiáticos, televisivos, científicos, dentre outros (Frazão & Lima, 2017).

2. Análise da Conversação e pesquisa em Psicologia Cognitiva



UFAM

REH- REVISTA EDUCAÇÃO E HUMANIDADES - ISSN 2675-410X

A proposta dessa sessão é apresentar os estudos onde se aplica a técnica metodológica da Análise da Conversação (AC) e a importância de se investigar os fenômenos emergentes em uma díade conversacional. A Análise da Conversação é uma ferramenta metodológica importante nas pesquisas qualitativas, proporcionando ao investigador adentrar nas minúcias do diálogo entre duas ou mais pessoas. Esse método pode ser utilizado em uma diversidade de contexto de pesquisa e em diferentes áreas.

No Brasil, Meira (1994) propõe de forma inovadora o uso de videografias enquanto ferramenta metodológica para a realização de análises da microgênese do desenvolvimento cognitivo, sugerindo a depuração do dado cognitivo por meio da análise de estratégias utilizadas em determinadas situações performadas por determinados agentes.

Kendrick (2017) sugere a fusão metodológica entre a análise da conversação e metodologias experimentais realizadas em laboratório. O autor justifica que seria uma metodologia indutiva importante para produzir generalizações teóricas mais coerentes na psicologia cognitiva, pois tais estudos também consideram os significados das interações entre os participantes; aspecto evitado em pesquisas laboratoriais. Argumenta-se que experimentos cognitivos apoiados em análises da conversação poderiam garantir predições e modelos teóricos cognitivos mais completos, identificando-se variações do contexto por análise qualitativa. Há que se acrescentar que os experimentos cognitivos, ou mesmo psicológicos, envolvendo a análise da conversação precisam estar assegurados pelo entendimento de que há uma troca de sentidos ocorrendo na interação, assim como é necessário conhecer quais comportamentos observados são relevantes e o que estes indicam. Tal empreendimento psicológico poderia elucidar melhor a origem das bases da sociologia do conhecimento que explicam as conversas humanas.

A análise microgenética e interacional recebe o emprego em contextos sociais muito amplos, como no caso das brincadeiras entre crianças (Lucena et al., 2021). Esta abordagem permite esclarecer o papel da cultura mesmo quando crianças muito pequenas (até dois anos) interagem entre si, partilhando conhecimentos individuais construídos socialmente em outros ambientes. Os eventos flagrados atestam a capacidade das crianças



UFAM

REH- REVISTA EDUCAÇÃO E HUMANIDADES - ISSN 2675-410X

menores de se nortear pela cultura e funcionarem a partir de regras, respeitando-as e compartilhando seus significados entre pares.

No estudo de Lira e Pedrosa (2019) demonstrou-se com base em metodologia conversacional que crianças na faixa etária de dois a três anos possuem capacidade de atribuir significados aos comportamentos dos pares, assim como são capazes de adotarem perspectivas cognitivas e afetivas que contribuam para o bem-estar mútuo. Outro achado aponta que a comunicação afetiva bem-sucedida se relaciona de forma positiva para construção de jogos cooperativos.

A análise da conversação tem recebido usos variados em sua intersecção com a cognição. Na área da aprendizagem, a conversação recebe uso para explicar o surgimento de estruturas da cognição social em atividades conjuntas, como bem explicitado por Wootton (1997) em seu estudo sobre a maturação da capacidade da criança realizar pedidos – fenômeno só evidenciado em sua complexidade interacional. Em empreitadas mais recentes (Abrahamson et al., 2020), a metodologia da conversação também é aplicada para conhecer modelos corporificados da aprendizagem com implicações educacionais na área da cognição matemática, envolvendo especialmente o uso do gestual pelos alunos e as suas implicações para o desenvolvimento de fenômenos cognitivos multimodais.

A metodologia conversacional também recebe emprego para investigar dinâmicas de cooperação em salas de aula. Em aulas de relevo geográfico (Santos et al., 2020), constatou-se o uso da linguagem na construção de significados, mas também a pertinência de fenômenos paralinguísticos e interacionais envolvendo fenômenos da cognição social, como a zona de desenvolvimento proximal. De modo específico, atestou-se a presença de padrões de atos de fala relacionados aos conteúdos transmitidos, mas também padrões conversacionais que realizam a manutenção do contrato didático em sala de aula.

Nas áreas clínicas, a análise da conversação tem recebido uso em diversos contextos com finalidade de suplantar as limitações do instrumental paramétrico tipicamente empregado. A exemplo deste posicionamento epistêmico, pode-se mencionar as observações realizadas em pacientes afásicos (Mira, 2016), que descrevem como o



UFAM

REH- REVISTA EDUCAÇÃO E HUMANIDADES - ISSN 2675-410X

comprometimento cognitivo da linguagem é amenizado por meio de estratégias interacionais por recursos paralinguísticos preservados, como a compreensão da troca de turnos na fala e a capacidade de desenvolver os tópicos discutidos. Estudos com método misto também podem ser usados para identificar práticas conversacionais em situações naturalísticas da clínica. Pecanac (2018) emprega a análise da conversação e de sequência de eventos para conhecer a perspectiva de médicos tomadores de decisão em suas recomendações terapêuticas, o que esclarece a natureza de heurísticas cognitivas da população médica.

A abordagem conversacional na psicologia clínica é uma alternativa para se estudar processos cognitivos de grande complexidade, como a capacidade de mentalização (Kelseman et al., 2018). Utilizando-se material videogravado e uma posterior transcrição da sessão de psicoterapia, é possível obter dados cognitivos úteis para se codificar níveis de mentalização de pacientes com o uso de manuais de funcionamento reflexivo e a interpretação de seus indicadores.

O pareamento da abordagem metodológica da Análise da Conversação tem recebido uso importante para esclarecer fenômenos do desenvolvimento, do trabalho e de populações com comprometimento clínico. Trata-se de uma alternativa metodológica às insuficiências do instrumental parametrizado que é usualmente comum em pesquisas cognitivas. Muito embora a Análise da Conversação permita *insights* relevantes sobre o aspecto social de determinados fenômenos, a natureza multivariada e contextual dos fenômenos relativos às interações baseadas em conversa impõe restrições quanto a capacidade de generalização, permitindo apenas sugerir direções de seus fenômenos analisados, mas o faz considerando descoberta e contexto de modo integrado, algo que recebeu pouca atenção pela psicologia cognitiva (Kendrick, 2017).

A AC também é utilizada em outros contextos de pesquisa, como realizado por Silva (2018) que analisou a quebra de máximas investigando as implicaturas conversacionais em um *show* de *Stand Up Comedy*, no intuito de compreender como essas infrações das máximas contribuem na produção do humor. Foram analisados trechos transcritos do vídeo do *show* disponível na *internet*, selecionados por apresentarem a presença de quebra



UFAM

REH- REVISTA EDUCAÇÃO E HUMANIDADES - ISSN 2675-410X

das máximas conversacionais, mostrando-se que elas contribuem significativamente para construção do humor durante o *show*. Assim, foi perceptível a utilização de ironia, crítica, sátira e denúncia que se encaixam ao cenário político do Brasil. Portanto, por via de quebra de algumas máximas o público pôde compreender o sentido utilizado pelo humorista.

Já a proposta de Silva Júnior (2015) foi investigar os excessos de pausa sintática longa em uma interação verbal com oito participantes, levando em consideração as variáveis sexo, idade e escolaridade. Os participantes responderam um questionário oral, todas as respostas foram gravadas e transcritas posteriormente. Com relação a variável sexo, os homens foram responsáveis pela maioria das ocorrências de pausa sintática longa, por outro lado as mulheres se mostraram mais seguras ao responder oralmente as questões. Em relação a variável idade, esta influenciou no resultado dos participantes masculinos, já para o grupo das mulheres, houve um maior número de ocorrências. E no que diz respeito a variável escolaridade, houve diferenças significativas, isso aponta para o fato de quanto maior é o grau de instrução, menores são as ocorrências.

A técnica de Análise da Conversação amplia o escopo de pesquisas no intuito de contribuir para um melhor entendimento dos processos envolvidos nos diálogos, como mostrada por Estrada, Reynolds e Messias (2015) ao estudarem os processos na comunicação entre pacientes que falam espanhol e enfermeiros que falam inglês. Os dados mostraram pontos problemáticos de comunicação, mas, que quando cuidados diretamente pelos integrantes, facilitavam as negociações das relações e do entendimento mútuo. A ampliação das investigações é necessária para que se possa compreender melhor e aprofundar nos pontos problemáticos na relação mediada de comunicação, contribuindo consideravelmente para minimizar as disparidades comunicativas nos serviços de saúde entre populações que não dominam o inglês.

Diferente do que foi abordado por Estrada, Reynolds e Messias (2015) e Pecanac (2018), Meredith (2017) direciona seu estudo para ambientes virtuais, demonstrando através da AC e da interação online, a investigação das práticas de interação em ambiente virtual, assim como o contexto em que essa interação ocorre. As análises realizadas



UFAM

REH- REVISTA EDUCAÇÃO E HUMANIDADES - ISSN 2675-410X

utilizando um corpus de mensagens instantâneas de *sites* de bate-papo, mostrou que os participantes criam mais adjacências de turnos incompletos, independentemente da separação da construção e envio da mensagem, produzindo vários turnos e com respostas em forma de lista. Os dados de captura de tela utilizados no estudo, pode permitir uma análise de produção momento a momento da interação online.

Outra proposta interessante que foca em ambientes virtuais, foi desenvolvida por Carvalho e Santos (2019) que utilizaram da técnica de AC e Análise de Rede Social para compreender a mediação entre docente-cursista e cursista-docente em um fórum de discussões de uma disciplina de Informática na Educação, mediada pela plataforma digital *Zoom*. Foram encontrados quatro aspectos a serem levados em consideração: 1) fica compreensível a atuação do professor em sua prática na sala de aula; 2) quanto mais o professor produz mensagens mais mensagens são enviadas a ele pelos alunos; 3) nos dá um panorama da dinâmica da turma e as interações estabelecidas entre os cursistas, e 4) nos proporciona uma noção dos desdobramentos das conversas que se originam da questão inicial estabelecida no fórum, que apoiam a compreensão, aprofundamento e complexidade das conversas.

O campo de estudo com a utilização da AC como ferramenta metodológica é muito vasto, Buchholz e Kächele (2017) utiliza desse método para comparar a utilização terapêutica de diferentes abordagens psicológicas como a psicanálise, psicodinâmica e cognitivo-comportamental. Eles utilizaram cinco díades, as sessões foram gravadas e transcritas somando um total de 45 sessões. Os objetivos do estudo foram quatro: 1) verificar se a conversação está em conflito com o modelo psicoterápico; 2) se a contagem de códigos e de relevância de tempo são ignorados quando algo é dito; 3) fazer uma análise de pacote a pacote, verificando composições maiores e não apenas enunciados únicos, e 4) levar em consideração que o processo terapêutico não pode ser excluído da análise da conversa terapêutica.

Os achados desse estudo citado mostraram uma nova perspectiva em relação ao local comum, sobre a complexidade terapêutica e a necessidade de estudos mais aprofundados, pois os dados descrevem esse local como o de conversas de interação, deixando claro que



UFAM

REH- REVISTA EDUCAÇÃO E HUMANIDADES - ISSN 2675-410X

ao atingir um estado de consciência é condição fundamental para a fluência terapêutica. Também foi encontrado que a utilização de metáforas surge não apenas em um nível verbal, firme e com regras culturalmente tratadas e coerentes, mas que essas metáforas podem ser implicitamente representadas. Assim, é de suma importância a utilização da AC como aproximação teórica e metodológicas na terapia, pois muita coisa é dita no processo terapêutico e que não são levadas em consideração pelos conceitos teóricos predominantes (Buchholz & Kächele, 2017).

A AC se mostra um método de análise interessante e importante para estudos que levam em consideração a importância de se compreender os processos e relações embutidos nos discursos. Ela se mostra flexível e aplicável em qualquer contexto de estudo onde o interesse é compreender as nuances do discurso, como apresentados nos diferentes estudos (Silva, 2018; Estrada, Reynolds & Messias; 2015; Pecanac, 2018; Meredith, 2017; Carvalho & Santos, 2019). Porém, é necessário que mais estudos sejam fomentados utilizando a AC como ferramenta metodológica para que tenhamos uma melhor compreensão da interação discursiva, de um ponto de vista sociocognitivo.

3. Modelos de Análise da Conversação: operacionalização e indicadores de qualidade

Neste tópico abordar-se-á o passo a passo para a realização da Análise da Conversação contextual de falas que, de acordo com Marcuschi (2003), deve seguir alguns mecanismos. A análise da conversação envolve diversos fatores que não se limitam, e nem poderia, à análise verbal e textual da comunicação, sejam gestuais, simbólicas, escritas, faladas, codificadas, etc. Neste cenário, analisar a conversação e seu processo cognitivo e interpretativo, exige estudo científico dos modelos desenvolvidos, principalmente associados ao avanço intelectual da humanidade e do cenário tecnológico em que estão inseridos. Os experimentos apontam, empiricamente, o estudo ontológico de modelos desenvolvidos a partir de construções teóricas e experimentais, realizadas no intuito de aprimorar ou mesmo desenvolver novas técnicas de análise de conversação e,



UFAM

REH- REVISTA EDUCAÇÃO E HUMANIDADES - ISSN 2675-410X

ao mesmo tempo, abordar os processos de intervenção, estrutura e interpretação dos fenômenos, por meio do que denominou-se *turnos*.

Para Dionísio (1992) existe uma diferença entre o texto e a fala produzidos, planejados, como ocorre no teatro e na televisão (por exemplo), do diálogo em que a fala se sobrepõe no tempo, ou seja, não há uma sequência ordenada e lógica na interação, de modo que o diálogo vai-se construindo a partir da fala anterior e da mudança de turno ou intervenção linguística, sendo esta a forma natural do objeto de estudo das interações justamente pelo fato de não serem planejadas, enquanto que nas planejadas trata-se de conversação *artificial*, não servindo para uma parte das análises da conversação.

Assim, o primeiro passo a ser analisado é a questão da transcrição das falas. Marcuschi (2003) afirma que não há a melhor transcrição, sendo todas mais ou menos boas, e o que vai diferenciar é o fato de o analista poder delinear os objetivos e o que lhe convém, todavia ela deve ser limpa e legível e sem sobrecarga de símbolos. No Brasil, em processos judiciais que investigam crimes relacionados ao uso de telefone, como por exemplo, sequestro (CP, art. 148) e difamação (CP, art. 139) é possível que o Juiz, ou mesmo o Delegado de Polícia, realizem a transcrição de falas dos envolvidos, visando elucidar os fatos e constituir provas textuais de suas falas para fins de instrução do processo criminal, ou seja, há a transformação da voz, considerando entonações, gírias e emprego de palavras típicas de sujeitos envolvidos em contextos distintos, visando a fidedignidade e ordem das expressões, normalmente acompanhadas de reticências (...), exclamações (!!!) ou mesmo de símbolos (@, [, “”, etc.), o que demonstra uma utilização prática do processo de comunicação típica da análise da conversação, porque realizada por uma terceira pessoa estranha à realidade comunicacional, ou seja, um analista.

Todavia, essa transcrição, embora decorra da fidedignidade da degravação das falas, não possui tanta relação com o estudo científico da estrutura linguística decorrente da análise da conversação. É que nesta se busca empiricamente a demonstração de variantes decorrentes do processo cognitivo, a vista da realização de juízos de valor, sem que conceba uma abordagem fria dos fatos sequenciados, como ocorre na análise da prova pela justiça. Assim, não se pode ignorar que o processo de conhecimento científico da



REH- REVISTA EDUCAÇÃO E HUMANIDADES - ISSN 2675-410X

análise linguística pode contribuir em muito para a elucidação de fatos e inferências implícitas.

Dáí resulta a necessidade do primeiro passo a ser abordado pelo analista, que resulta em 14 situações representadas por símbolos, de acordo com Marcuschi (2003), a serem seguidos para que haja transcrição das falas de um diálogo. Apresentar-se-ão as mesmas no prosseguir.

Diferenciar falas simultâneas por meio de dois colchetes ([[]) – ocorre no início da fala sobreposta; por exemplo:

A: O que aconteceu pela manhã quando vocês saíram de casa?

B: [[Estava chovendo, mas o carro não ligou.

C: [[Fazia frio....

Ao retomar a palavra por meio da mudança de *turno* (B e C) intervém da fala de (A) por meio de respostas simultâneas, ou seja, ao mesmo tempo respondem ao questionamento de (A). Neste caso, segundo Marcuschi (2003) utiliza-se “[[]” para representar a retomada do turno simultaneamente.

A sobreposição de vozes no momento da intervenção, através de um colchete instalado no momento que um dos falantes passa a intervir ou falar simultaneamente ao outro ([[]); exemplo:

A: O jogo iria acontecer no Maracanã, [mas foi adiado por questões burocráticas.

B: [Mas o Maracanã está interditado.

Neste caso, antes que (A) complete a oração, (B) intervém simultaneamente, o que é representado por “[[]” para demarcar o momento em que ocorre sua fala.

Usa-se dois colchetes abertos e fechados para representar uma entonação em meio ao discurso de um dos interlocutores, quando realizado pelo outro ([[]); exemplo:

A: Aquela questão 13 da prova estava muito difícil.



REH- REVISTA EDUCAÇÃO E HUMANIDADES - ISSN 2675-410X

B: [polêmica]

Já para pausas e silêncios, utiliza-se o sinal (+) ou a simbologia do tempo indicado no silêncio acima de 1.5 segundo, como por exemplo: dois segundos e meio (2.5) e assim por diante; exemplo:

Meia lua inteira sopapo (+) na cara do fraco (+) estrangeiro gozador (+) coca de coqueiro baixo (+) onde o engano se enganou (2.0) São din dão dão, São Bento (Caetano Veloso, Meia Lua Inteira).

Acerca das dúvidas e suposições, existem duas formas de expressar: a palavra “incompreensível” e a palavra que se supõe ter ouvido no contexto da fala; exemplo:

Então Deputado João Plenário, me apresente ao menos um projeto de sua autoria.

Veja bem Casalbé, nós temos elartuciamiento tempor visi que seiam la no Congresso.

Entendeu?. [incompreensível] [que seriam]

Nadinha.

Nem eu.

Quando há truncamento brusco, ou quando uma das partes é interrompida bruscamente, indica-se dor barra ou barras (/); exemplo:

A: O preços dos alimentos subiu demais sô

B: /Então, e como subiu

Relativamente à ênfase, indica-se com uma letra maiúscula; exemplo:

negaTivo.

Se houver alongamento de vogal, indica-se na fala por dois pontos (:), podendo ser repetido a depender do tempo de entonação; exemplo:

Go::::::l, Ro:::::::::naldinho é o nome dele.



REH- REVISTA EDUCAÇÃO E HUMANIDADES - ISSN 2675-410X

Quando o analista pretende comentar algo se utiliza parentes duplos fechados (()); exemplo:

((as mão estavam geladas)), ((amenizou o sorriso)), ((aos prantos)).

Se houver separação silábica durante a entonação da palavra, usa-se o hífen (-); exemplo:

E-xe-cu-ção.

No que diz respeito aos sinais de entonação, vale-se o analista de aspas: uma para entonação leve (‘) e duas (“) para as rápidas subidas e, ainda, aspas simples abaixo da linha para subidas bruscas; exemplos:

O Código está errado’, porém funciona (subida leve); Saia daí agora” senão vai se machucar (subida rápida); simplesmente faleceu, (subida brusca).

Pausas preenchidas, hesitações ou sinais de atenção, utiliza-se a reprodução dos sons, como uma espécie de interjeição; exemplo:

ô ô que mar lindo!

Por fim, indicação de transcrição parcial ou eliminação, usa-se reticências no início e no final (...(palavra ou texto)...) e, para corte na produção indica-se reticências entre barras (/./; exemplo:

A parede da casa é azul. Penso que poderíamos pintar a parede de verde.

(/...../)

Esta fórmula de transcrição elaborada por Marcuschi foi aprimorada por outros teóricos e, considerando as dificuldades encontradas, Sacks, Schegloff, e Jefferson (2003) elaboraram um modelo de conversação elementar, baseado na tomada de *turnos*, tomando como fundamento a sistemática universal em que *fala um de cada vez*. O sistema de turnos é lastreado em interações espontâneas, casuais e informais, em vista da inexistência de



REH- REVISTA EDUCAÇÃO E HUMANIDADES - ISSN 2675-410X

hierarquia entre os falantes, livres de contexto, havendo a existência de propriedades caracterizadoras da conversação e que servem de base para a análise da conversação, após a transcrição das falas.

Aludidos parâmetros voltados à troca de turnos, leva-nos à abordagem do segundo passo, que seria voltado à interpretação propriamente dita das transcrições. Aqui, a troca de falantes ocorre ou recorre – não existe uma ordem pré-definida ou sequenciada entre eles, e, havendo mais de um, tem de haver a troca de falas para que se possa iniciar a abordagem de uma conversação, tendo em vista que a dialética do “*fala um por vez*” não é uma regra taxativa, na medida em que há pausas e nem sempre a sequência é respeitada pelos falantes, sobretudo pela inexistência de regra que permita uma ordem preestabelecida, mas, havendo alternância entre falantes, caracteriza-se o turno e assim é possível aplicar a regra do diálogo simétrico (Marcuschi, 2003; Sacks, Schegloff & Jefferson, 2003).

Em qualquer turno, fala um de cada vez – consiste numa ordem de falas em que é possível se identificar o falante em sequência, sem que haja sobreposição ou conjectura, possibilitando a transcrição sequenciada e cronológica (Sacks, Schegloff & Jefferson, 2003).

De acordo com Favero (1992), a conversa possui tópicos discursivos que consistem na atividade em que há um objetivo de correspondência entre os interlocutores numa conversação, tornando-se importante na construção do texto oral, ocorrendo que essa organização compreende duas propriedades básicas, que são a *centração* e a *organicidade*, sendo a primeira referente ao conteúdo propriamente dito e, a segunda, às relações de interdependência que se estabelecem entre os tópicos abordados (Dionísio, 1992).

A ocorrência de mais de um falante é comum, porém, breve – Aqui, temos uma intervenção por algum dos interlocutores, mas isso deve ocorrer de forma breve e de modo a não prejudicar o discurso ou mesmo a análise de trocas de turnos, ou seja, não há troca de turno propriamente dita (Marcuschi, 2003; Sacks, Schegloff & Jefferson, 2003).



UFAM

REH- REVISTA EDUCAÇÃO E HUMANIDADES - ISSN 2675-410X

As transições de um turno a outro sem intervalo e sem sobreposição são comuns e longas pausas e sobreposições extensas são a minoria. A exposição de reparações e correções é mais delicada e exige maior atenção, posto não se tratar de fala de texto escrito em que se pode corrigir, voltar atrás e até mesmo deletar tudo. A conversação ocorre em tempo real e assim, normalmente, as falas são definitivas, inobstante possa ocorrer correções semânticas, linguísticas, fonéticas, etc., o que se convencionou chamar de mecanismo de correção, e que pode ocorrer de várias formas diferentes (Sacks, Schegloff & Jefferson, 2003).

A ordem dos turnos é variável e pela explanação realizada por Marcuschi (2003) de “*Quem tem a palavra e quando*” a tomada de turno na organização conversacional consiste num sistema localmente comandado, possuindo uma relação contextual e não automatizada, onde um falante passa (ou permite) o início da fala do outro. Os turnos da conversa devem ser vistos como contendo tamanho variável. A extensão da conversação não é fixa nem previamente especificada e além das falas simultâneas ou sobrepostas, pode haver pausas, silêncios e hesitações, que podem configurar transição de um turno para o outro, ocorrendo normalmente a tomada de turno por um dos falantes durante a conversação. Essa estrutura pode representar significados relevantes, uma vez que pelo silêncio pode-se inferir uma resposta ou fala sem que ela seja verbalizada, ocorrendo a retomada de turno, assim como normalmente acontece nas hesitações e pausas, oscilando-se as falas entre os interlocutores.

O que cada falante dirá não é fixo nem previamente especificado; porém, as contribuições empregadas pelos falantes devem guardar correlação com o curso da conversa, uma vez que a conversação é uma atividade semântica, ou um fio condutor da organização discursiva (Dionísio, 1992) e, enquanto processo de contração de sentidos e interlocução há a possibilidade de empregar-se meios para análise cognitiva da compreensão e sentidos que foram empregados.

A distribuição do turno não é fixa; no contexto de falas simultâneas e sobreposições, as regras são normalmente desrespeitadas, podendo gerar o colapso nas conversações e levar a discussões emblemáticas e pode ocorrer em três situações: A)



REH- REVISTA EDUCAÇÃO E HUMANIDADES - ISSN 2675-410X

alguém toma a palavra; B) ninguém toma a palavra; e, C) ocorre a múltipla auto-escolha. Na hipótese “C” há múltiplas falas e aí, para que se retome o turno, ou organização da conversa, são necessários alguns mecanismos, como o metalinguístico (“espere aí”, “é minha vez de falar” etc.), podendo ainda existir outros mecanismos que ponham em ordem as falas, como a parada prematura de um dos falantes ou mesmo marcadores paralinguísticos, como um olhar incisivo, um movimento com a mão, etc. (Marcuschi, 2003). Marcuschi (1988) afirma que a conversação será entendida como uma atividade temporal em que dois ou mais participantes tomam a palavra e se revezam.

São empregadas diversas *unidades construtoras de turno*, *lexema*, *sintagma*, *sentença*, etc. A análise da conversação deve possuir natureza iminentemente científica, afastando-se de traços óbvios e singulares que representam o ato de expressar dada realidade e contexto sem que os ignore, ou seja, deve se inclinar para a formalização de estatísticas universais, contrapondo-se à Etnometodologia proposta por Garfinkel na década de 60, posto que esta se baseou na análise filosófica dos processos estruturais de diversas culturas, verificando como os seres humanos se comunicam no dia a dia das mais variadas culturas e manifestações (Marcuschi, 2003, pg. 8), isso no intuito de buscar “interação verbal centrada” (Dittmann, 1979). De acordo com Dionísio (1992), para a Etnometodologia os analistas devem ser sensíveis aos fenômenos interacionais, observando detalhes e conexões estruturais existentes no processo interativo. Neste sentido, ainda de acordo com a autora, Hilgert (1989, apud Dionísio, 1992) propõe três níveis de enfoque para a estrutura organizacional: o (i) macronível, que analisa as fases conversacionais, tais como a abertura, o fechamento e a parte central da conversação; o (ii) nível médio, que reporta à questão do turno, suas falas, a troca e os marcadores conversacionais; e, o (iii) micronível, que analisa a estrutura interna das falas (termos empregados, sintaxe, morfologia etc.).

Analisados os fatores que levam à transcrição e à interpretação propriamente dita, segue-se a parte mais importante, que deve ser abordada por diversos ângulos para que o pesquisador possa atrelar valorações à interpretação as conversações, lastreadas por



REH- REVISTA EDUCAÇÃO E HUMANIDADES - ISSN 2675-410X

critérios científicos que possa definir valores subjetivos à conversação, ou seja, o terceiro passo, que consiste na *abordagem científica da conversação* (Marcuschi, 2008).

O primeiro ponto de busca consiste na quebra das máximas conversacionais, onde se aponta o estudo dos atos de fala, desenvolvido por Austin (1962) e Searle (1969), e as regras ou máximas conversacionais evidenciadas em Grice (1982) no contexto da Pragmática Conversacional. Detivemo-nos, ainda, nas teorias de tipologia e de gêneros textuais, que contribuem para a perspectiva de contextualização do texto-ação (Marcuschi, 2008) visando elucidar a questão do estudo das conversações, salientando que elas podem ocorrer das mais variadas formas possíveis, posto que na perspectiva interacionista, um texto responde às situações específicas de enunciação e, portanto, materializa uma infinidade de gêneros (Farias, 2012). Além disso, responde às intenções dos sujeitos envolvidos na comunicação, os quais indicam as sequências tipológicas neles realizadas (Marcuschi, 2010; Bronckart, 2012).

Nesse caso, a noção de tipologia, a partir das sequências textuais (narrar, argumentar, expor, descrever e injungir), será definida por sua natureza linguística, contando com a análise de categorias linguísticas tais como léxico, sintaxe, tempos verbais, relações lógicas e estilo (Marcuschi, 2007). Para além dessa composição material, concordamos que determinada sequência tipológica pode ocorrer de forma majoritária, mas não necessariamente exclusiva em um determinado texto, tornando-o um tipo textual hibridizado – que Marcuschi (2007) denomina *heterogeneidade tipológica*. A pragmática, então, constitui-se em pressuposto importante para: a Teoria dos Atos de Fala e a Pragmática Conversacional, perspectiva teórica inaugurada por Paul Grice, na qual as máximas conversacionais funcionam como regras implicadas pelo que ele chamou de *Princípio Cooperativo*.

A partir da vertente teórica inaugural de Austin (1962), Searle (1981) desenvolve alguns conceitos que contribuem para uma metodologia dessa teoria, sistematizando categorias pragmáticas mais conhecidas, que são a da força ilocutória, a dos atos de fala indiretos e a das diferentes categorias de atos de fala (Searle, 1969) – conceitos estes que se destacam das obras de Austin (1962) por apresentar mais rigor científico.



UFAM

REH- REVISTA EDUCAÇÃO E HUMANIDADES - ISSN 2675-410X

A teoria de Grice, de acordo com Marcondes (2005, p.29), se reporta a que “toda expressão linguística deve ser interpretada levando-se em conta seu contexto de uso”, ou seja, para que se estabeleça uma análise centralizada seria necessário a coordenação mútua entre interlocutores. De acordo com essa teoria, a linguagem é direcionada por um princípio de cooperação (Farias, 2012): “Faça sua contribuição conversacional tal como é requerida, no momento em que ocorre, pelo propósito ou direção do intercâmbio conversacional em que você está engajado”. Isso faz surgir outra análise, desdobrada em quatro categorias, a saber: a) Categoria da Quantidade: refere-se à quantidade de informação dada. É subdividida nas máximas que seguem: Primeira máxima: “Faça com que sua contribuição seja tão informativa quanto requerido (para o propósito corrente da conversação)”; Segunda máxima: “Não faça sua contribuição mais informativa do que é requerido”; b) Categoria da Qualidade: indica uma supermáxima – “Trate de fazer uma contribuição que seja verdadeira”. Subdivide-se em duas máximas: Primeira máxima: “Não diga o que você acredita ser falso”; Segunda máxima: “Não diga senão aquilo para que você possa fornecer evidência adequada”; c) Categoria da Relação: apresenta apenas uma máxima - “Seja relevante”; d) Categoria do Modo: relaciona-se a como o que se diz deve ser dito. Apresenta uma supermáxima – “Seja claro”. Esta se desdobra em várias máximas: “Evite obscuridade de expressão”; “Evite ambiguidades”; “Seja breve (evite prolixidade desnecessária)”; “Seja ordenado”, etc.

Ainda de acordo com Farias (2012) as máximas citadas são necessárias para que a comunicação seja bem sucedida, pretendem dar conta de quais seriam as expectativas dos interlocutores quando estão interagindo, tal como estado de ânimo, local, situação, etc. A partir da explanação realizada, pode-se concluir que indicadores de qualidade constituem objeto de estudo da estrutura interacional e, portanto, necessários à compreensão de fala entre diálogos realizados, utilizando métodos e técnicas para abordagem do processo interativo, mudanças de turnos, intervenção, cognição, envolvimento central na participação espontânea dos falantes, consistindo ainda em estudo *qualitativo* dos termos e sequência empregados, para que haja compreensão, descrição e até mesmo regras para suprir lacunas e trazer para o modelo científico uma



REH- REVISTA EDUCAÇÃO E HUMANIDADES - ISSN 2675-410X

abordagem sistemática valorativa, baseada na *indução* e análise empírica das construções interativas.

A *presença de pares adjacentes*, que caracterizam a existência sequenciada de dois turnos empregados pelos falantes, que, de acordo com Marcuschi (1986), são manifestados por *saudação / saudação, convite / aceitação / recusa; agradecimento / aceitação; e, pergunta / resposta*, sendo mais comum a presença do último par adjacente num diálogo; exemplo:

(Fabiano) - Vossemecê não tem direito de provocar os que estão quietos. (policial) – Desafasta. (Fabiano) – Lorota, eu tenho culpa de vossamecê esbagaçar os seus possuídos no jogo? (policial) – Toca pra frente. (Ramos. Vidas Secas, 1938, p. 29).

Nota-se a presença de pares adjacentes (diálogo sequenciado) em que há a presença de convite e aceitação por parte de Fabiano e o policial em que se percebe a troca de turnos e, paralelamente, “uma ordem” e o que o analista precisa notar neste diálogo é a presença de submissão de uma personagem a outra.

De acordo com Silva Junior (2015, pg. 140-141) é possível “a presença das sequências inseridas, isto é, um par adjacente entre duas partes de outro par adjacente; exemplo:

T1 (empregada) – Dr. Anselmo, eu... T2 (patrão) – Não me chame de doutor. Anselmo, Anselmo. T3 (empregada) – Anselmo, eu... T4 (patrão) – Tocão. T5 (empregada) – Como? T6 (patrão) – Meu apelido. Tocão. Me chame de Tocão. T7 (empregada) – Tocão. T8 (patrão) – Isso. E o seu, qual é? T9 (empregada) – O meu...? T10 (patrão) – Apelido. T11 (empregada) – Bom, em casa me chamam Di. (Amor Veríssimo, “Confraternização”, p. 185)

Segundo o Autor, “patrão e empregada se encontram em uma festa de confraternização da empresa. O patrão, Dr. Anselmo, já bebeu demais, por isso deseja deixar as formalidades de lado na relação com sua empregada. Entre os turnos 9 e 10, temos um exemplo típico de sequência inserida. Note-se que a fala do turno 8 representa a primeira parte de um par adjacente, ou seja a pergunta “E o seu, qual é?”, sendo



UFAM

REH- REVISTA EDUCAÇÃO E HUMANIDADES - ISSN 2675-410X

respondida na fala 11 “Bom, em casa me chamam Di”. Percebe-se ainda que entre os turnos 9 e 10, há outro par (primeira parte – pergunta – “O meu...” e segunda parte – resposta – “Apelido”) (Silva Junior, 2015, pg. 140/141). A esse tipo de estrutura, comum nas conversações, dá-se o nome de sequência inserida.

Acerca dos diálogos *face a face* prevalece normalmente uma conversa não informal, cuja importância para o analista não é tanto o diálogo e sim a interação, ou seja, como as pessoas se comportam e como se envolvem numa centralização; exemplo:

P1 – Para tudo há horas e há dias!... (P2) Para a Rita todos os dias são dias santos! A questão é aparecer quem puxe por ela! (P3) Ainda assim não é má criatura... Tirante o defeito da vadiagem... (P4) Bom coração ela tem, até demais, que não guarda um vintém pro dia d’amanhã. Parece que o dinheiro lhe faz comichão no corpo! (Azevedo. O Cortiço, 1890, p. 50).

É nítido que P1, P2, P3 e P4 interagem no intuito de analisar uma outra personagem, estranha à conversa, pelo que se denota sincronia entre as falas, caracterizando assim um diálogo *face a face* que guarda entre si uma relação de interação, ou seja, entendimentos e concessões mútuas e, pela leitura do livro O Cortiço, o analista, por *indução* já identifica que se trata de um diálogo em que as pessoas estão próximas, ou face a face.

Um terceiro ponto a abordar é a questão da *simultaneidade de falas*, o que requer a transcrição das características elaboradas por Marcuschi para a análise do diálogo, em que se pode perceber a presença de *desvios, construções irrompidas, abandonadas ou interrompidas, descontinuidade sintática* (Silva Junior, 2015, p. 142); exemplo:

T1 – Como é que ela estava vestida? T2 – Shorts. T3 – Ai! T4 – Chegamos atrás dos cômodos e começamos a conversar... T5 – Corta os créditos e o diálogo. Chega ao principal. T6 – Não houve. T7 – O quê? T8 – Na hora eu... eu... T9 – Conta! T10 – Comecei a chorar. (Sexo na cabeça, “Emoção”, p. 39).

Os construtos conversacionais exortam a que se perceba a existência de gírias e da linguagem popular, transbordando do contexto formal a irromper a expectativa do leitor/analista, posto que há necessidade de conhecimento do vocabulário comum e sua



UFAM

REH- REVISTA EDUCAÇÃO E HUMANIDADES - ISSN 2675-410X

interpretação. Com artifícios de linguagem que remontam a interação espontânea oral face a face, há variação de registros, com a mudança abrupta dos tópicos e subtópicos da conversação, com recursos novos para descrever o hábil jogo de preservação das faces dos interlocutores (Preti, 2001, p. 120).

Concluindo, não se pode padronizar ou mesmo prever como ocorrerá um diálogo e se ele serve à Análise da Conversação, muito menos definir-se com precisão a análise empírico-científica. Todavia, por meio da indução e dos estudos realizados, percebe-se nitidamente que é possível a transcrição das falas, representadas por símbolos que demonstram a relação entre os falantes e alguns aspectos a serem seguidos; por outro lado, a troca de turnos, permite a análise da conversação baseada em critérios subjacentes de interação centrada. A partir de então a análise é realizada por meio de teorias que fragmentam a reprodução e seus aspectos linguísticos, semânticos, estruturais, eloquentes, etc., no intuito de realização da análise conversacional em uma espécie de código universal.

4. Exposição metodológica da Análise da Conversação em Psicologia Cognitiva: estudo do desenvolvimento da Autoconsciência em interações na Díade Pesquisadora-Criança autista

Nessa seção a proposta é demonstrar a partir dos já descritos princípios da Análise da Conversação como o dado bruto obtido por meio de videografia pode ser transformado em dado transcrito que nos permite identificar os elementos mais próprios da interação humana. Importa mencionar que a videografia enquanto ferramenta de pesquisa em psicologia é uma ferramenta que possibilita captar o fluxo das interações entre *selves* e lócus de desenvolvimento psicológico, com seus elementos linguísticos discursivos, paralinguísticos, interacionais e comportamentais (Meira, 1994).

Situamos esta exposição em observações feitas com o uso do conteúdo audiovisual gravado de uma interação desenvolvida entre criança e pesquisadora e/ou sua mãe, no âmbito de uma atividade acadêmica desenvolvida por uma das coautoras do presente estudo teórico (C.B.A.). O registro videográfico teve como foco o fluxo de



UFAM

REH- REVISTA EDUCAÇÃO E HUMANIDADES - ISSN 2675-410X

interações entre pesquisadora e criança de sexo feminino na presença de sua mãe, tendo a criança recebido já diagnóstico de transtorno de espectro autista, à época do registro com 10 anos de idade, em situação de brincadeira livre pesquisadora-criança, na sala da própria casa de moradia desta última. Para fins de ilustração da presente reflexão, estes dados videográficos componentes do Banco de Dados do LACCOS/UFPE foram escolhidos de forma intencional e submetidos aos procedimentos metodológicos da Análise da Conversação, e deu-se especial atenção aos momentos em que concretamente se presentifica na conversa o processamento cognitivo subjacente da autoconsciência nas interações entre pesquisadora-criança.

As bases para este estudo se encontram numa concepção em que processos cognitivos são estabelecidos e maturados na mente com o papel ativo de conhecimentos transmitidos em sociedade. O potencial cognitivo da criança que tem base inata depende da complexidade de seu meio, e na medida em que o contexto interativo provoca desequilíbrio nos esquemas mais básicos da cognição (Piaget, 1966). Também os diversos processos cognitivos estão pautados em funções mentais superiores (e.g., percepção, memória, atenção, propriocepção) que se desenvolvem até o ápice de sua maturação na medida em que as interações sociais os solicitam e os moldam conforme o indivíduo interioriza os instrumentos e símbolos de maneira a lapidá-los (Vygotsky, 1988). Neste sentido, tudo o que se conhece se conhece pela cultura. Como descrito por Linask (2019), estas atividades da cognição que conhecemos teoricamente enquanto processos cognitivos estão imbricados em articulações simbólicas que acontecem pela fala, absolutamente indissociáveis da linguagem e da interação social. Por esta razão, tais processos dependem também da sociedade, sendo moldados pela cultura e conseqüentemente também se perfilam pelo discurso, e tem seu locus primacial na conversa.

A exposição metodológica a seguir irá demonstrar processos cognitivos em desenvolvimento na criança com diagnóstico de transtorno do espectro autista através do processamento cognitivo da autoconsciência. A definição de autoconsciência estabelecida aqui é de um instante em que o indivíduo toma consciência de si mesmo



UFAM

REH- REVISTA EDUCAÇÃO E HUMANIDADES - ISSN 2675-410X

enquanto o objeto de sua atenção, fazendo avaliações sobre si (Duval & Wicklund, 1972). Estes episódios que instanciam os processos autoconscientes serão identificados com base no modelo neurocognitivo e socioecológico de mediação de autoconsciência de Morin (2011), em que por meio de um estímulo do ambiente o indivíduo é levado à processos cognitivos autoconscientes e a inspeção de aspectos de si mesmo. Estes e outros processos constitutivos da experiência de autoconsciência serão mais adiante depurados. A pergunta que guia a exposição é: *“Como a autoconsciência em desenvolvimento é desencadeada e sustentada na conversação entre a pesquisadora e criança com diagnóstico de transtorno do espectro autista?”*

Estabelecido o marco teórico, cabe ressaltar que o *corpus* a ser analisado deve ser formado por conversações produzidas em situações filmadas ou gravadas para a submissão à análise (Dionísio, 1992), as quais receberam delimitações compondo episódios de análise, pelo critério do adensamento da interação mãe-criança, sinergicamente voltadas à atividade e atenção conjuntas. No segmento a seguir, utilizou-se as orientações do Projeto de Estudo Coordenado da Norma Urbana Linguística Culta (Projeto NURC). Segue quadro com o transcrito obtido a partir do registro em vídeo, para exemplificação.

Episódio 1: brincadeira com a boneca Maricota

O episódio transcrito versa sobre a interação conjunta, entre a pesquisadora e uma menina com Transtorno do Espectro Autista. As duas estão engajadas em uma brincadeira, ou atividade cognitiva, que envolve a pesquisadora esconder objetos embaixo de potes, no primeiro momento a boneca fantoche chamada Maricota, e depois um celular. Esse episódio aconteceu na residência da menina para possibilitar uma melhor participação da criança, já que se trata de um ambiente natural que pode favorecer a interação, propiciando o fluxo da conversação. O critério de seleção do episódio foi a sinergia para a interação conjunta que é propiciadora do desenvolvimento psicológico da criança. O objetivo foi compreender como um self está interagindo com o outro, a partir de micro interações mediadas e catalisadas por um objeto externo, a fantoche.



REH- REVISTA EDUCAÇÃO E HUMANIDADES - ISSN 2675-410X

A pesquisadora está sentada no chão da sala da casa da menina. As duas sentadas, uma de frente para a outra, iniciam uma interação mediada pela boneca de pano chamada Maricota. Os interlocutores envolvidos serão indicados por sigla PES para a pesquisadora e MEN para a menina.

PES	aqui...olha pra onde Maricota vai vim... ela vai vim ...[ela vai vim para cá]
PES	((coloca a fantoche embaixo do pote))
MEN	maricota... maricota:: maricota::
MEN	((menina pega a fantoche embaixo do pote, assim que a pesquisadora esconde a boneca))
MEN	((menina veste maricota em sua mão e olha para a fantoche))
PES	tu não quer que maricota se esconda não? ((menina continua segurando a boneca))
PES	o que é que a maricota faz?
MEN	maricota faz::... maricota faz::... maricota faz:: ((menina fala olhando em volta e coçando o próprio rosto))
PES	//((pesquisadora estende a mão na direção da fantoche Maricota para pegá-la, a menina olha para a pesquisadora, depois olha para a mão estendida da pesquisadora))
MEN	((a menina estende sua mão à pesquisadora, as duas ficam de mãos dadas brevemente e então a menina afasta a mão da pesquisadora))
PES	tu me empresta não'? ((ri))...
PES	((pesquisadora estende a mão novamente, a menina afasta a mão da pesquisadora. Pesquisadora a ri novamente))
PES	((pesquisadora estende a mão em direção à boneca)) me empresta rapidinho?
MEN	//((menina afasta a mão da pesquisadora com mais vigor, e imediatamente após isso a menina ergue sua própria mão diante de seu rosto e a observa, depois olha em direção ao rosto da pesquisadora))



REH- REVISTA EDUCAÇÃO E HUMANIDADES - ISSN 2675-410X

De acordo com Pedrosa e Carvalho (2005), a interação é considerada um processo constitutivo da atividade mental da criança. Diante disto, a menina se engaja na brincadeira com a pesquisadora através do objeto externo (fantoche), ao demonstrar o interesse pela Maricota quando a mesma a tira debaixo do pote, enquanto repete a fala da pesquisadora “maricota...maricota::maricota::” e a mantém em sua mão, não permitindo que a pesquisadora esconda a boneca. A pesquisadora tenta novamente utilizando elementos linguísticos discursivos, ao perguntar “o que é que a maricota faz?” como também elementos paralinguísticos, como gestos, olhares e movimento do corpo, quando estende a mão e tenta pegar a boneca.

No episódio transcrito, notam-se nuances de interação conjunta quando a menina repete a fala da pesquisadora, interagindo com ela, e ao se recusar a entregar a boneca quando solicitada pela pesquisadora. No momento que a menina repete a fala e olha para a pesquisadora, por exemplo, exemplifica como a fala e as ações de uma modulam a fala e as ações da outra, apresentando-se como um processo instigador do desenvolvimento. Durante o episódio a menina utiliza elementos linguísticos discursivos através de repetições (ecolalias e ecopraxias). Essa interação é o lócus de desenvolvimento psicológico, o que torna possível identificar alguns índices comportamentais, discursivos e interacionais como os sistemas que estão se construindo no tempo, e como o que alguém diz repercute em seu *self* e o senso de si mesma.

Na transcrição, podemos ver que a pergunta feita pela pesquisadora “o que maricota faz?” imediatamente instiga o processamento de vários sistemas de cognição social. A princípio, a menina recebe a fala da pesquisadora e olha em volta, em uma entonação pausada “maricota faz::... maricota faz::...”. Diferente dos episódios de ecolalia que estavam sendo registrados (espelhamento daquilo que a pesquisadora falou), esta última fala da criança, o olhar em volta e o coçar do rosto insere uma pausa na interação, estando sugerido nesta fala o engate em um processo mais próprio de uma fala em vias de tornar-se egocêntrica em vez de pura ecolalia. A fala egocêntrica (Vygotsky, 1988) tem efeitos de regulação da criança para consigo mesma, especialmente antes de conseguir interiorizar em sua mente a própria fala. Neste sentido, uma fala reflexiva e



UFAM

REH- REVISTA EDUCAÇÃO E HUMANIDADES - ISSN 2675-410X

arrastada pela entonação prolongada da consoante Z:: e sugere outros processos cognitivos operando na criança, o que é próprio do pensamento verbalizado autoinstrutivo. A criança parece tentar completar a descrição dando um predicado à Maricota.

Cabe esclarecer que um instrumento cultural (Vygostky, 1988), como a fantoche, orienta a cognição para o exterior em atividades humanas; no caso de Maricota, sendo a atividade a encenações de interações humanas. Maricota é um instrumento cultural que tem por função encenar um papel social de natureza representacional, e assim ser um dos importantes instrumentos que conformarão o *self* da menina. Por sua vez, este *self* pode ser compreendido enquanto estrutura social que tem por função organizar a experiência humana e orientá-la (Buss, 2001). A boneca Maricota indica um outro *self* que é percebido e interiorizado pela menina através de brincadeiras com familiares, em uma tentativa destes familiares transmitirem um *self* a criança, de modo talvez não declarativo. Tal *self* é feito saliente na consciência através de estímulos do meio social (Morin, 2011), especificamente quando familiares brincam de fantoche com a menina com a intenção de socializar a criança – o que discursivamente produz nela conteúdos autorrelacionados que serão arquivados em seus autoesquemas (*self-schemata*, ou representações possuídas sobre si). Curiosamente, a fantoche também é um brinquedo que obedece àquele que a manipula, e neste sentido, o *self* atribuído a Maricota é o *self* da criança.

O *self* da fantoche poderia ser apontado pela descrição simbólica de um papel performático – aquilo que Maricota *faz*. Trata-se de um dos tópicos discursivos da conversação que é introduzido pela pesquisadora, havendo centração (ou receptividade) por parte da menina ao tentar responder; ela entende o novo objetivo da conversa e tenta corresponder. Não ocorre, porém, espaço para a organicidade desta nova conversa, pois ela não consegue adentrar o tópico estabelecido (Favero, 1992). Segue-se que a criança não oferece resposta e o processo cognitivo interrompido, pois ocorre um corte de turno por parte da pesquisadora que paralinguisticamente pede a fantoche com um gesto.

A situação conversacional acontecida no contexto da brincadeira contém os mecanismos da microgênese do *self*, enquanto uma estrutura social da cognição na



UFAM

REH- REVISTA EDUCAÇÃO E HUMANIDADES - ISSN 2675-410X

interação humana, resta salientar o papel da autoconsciência neste contexto. Como sugerido por Kendrick (2017), adotamos comportamentos avaliativos enquanto indícios do processamento autoconsciente no curso da conversação. O ato autoconsciente acontece quando a pesquisadora usa de gestos paralinguísticos para expressar seu desejo de pegar a boneca, aproximando-se da menina, e em sequência a menina impõe uma interrupção ao turno da pesquisadora, ao afastá-la vigorosamente, e logo em seguida, a menina verifica sua própria mão. Neste turno, a menina direciona sua atenção para um autoaspecto corpóreo, a sua mão, e nisto se distancia da interação imediata com a pesquisadora, engajando-se em uma interação consigo mesma de verificar-se. A inspeção da própria mão concorda com o processamento cognitivo da autoconsciência objetiva (Duval & Wicklund, 1972), acontecendo a nível corporificado, do self físico, pois a menina se avalia diante do próprio padrão corpóreo de como sua mão deveria estar. Embora seja difícil afirmar qual seria este padrão, pode-se especular que talvez haja uma percepção de que sua mão ficou ou suja, ou dolorida, ou ferida, e assim, sua mão estaria discrepante do padrão representacional esperado pela menina. Este é um indício relevante de que há *self-schemata* corpóreo da menina sendo acessado no momento de interrupção da conversa.

O episódio da inspeção da mão demonstra de maneira incipiente o processamento da autoconsciência, podendo revelar informações importantes sobre o desenvolvimento deste processo cognitivo na população de crianças no espectro autista. Há que salientar a modo de singela pontuação, que outros mecanismos de disparo de autofoco postulados por Morin (2005) são observados neste episódio, a saber, a nível da fonte social, a fala endereçada à criança; a nomeação da boneca-fantochê Maricota que por contraste suscita a nomeação social da criança; a presença de uma audiência composta por pesquisadora e a mãe da criança; a demanda da pesquisadora pela boneca, que fomenta a tomada de perspectiva da criança; a nível da fonte do mundo físico, a exposição da criança a objetos e estruturas do ambiente físico do entorno imediato; o compartilhar de objetos físicos como a boneca Maricota; a presença de videocâmeras registrando o fluxo das interações, as quais são estímulos de autofocalização, etc.; todos os aspectos citados fomentam



REH- REVISTA EDUCAÇÃO E HUMANIDADES - ISSN 2675-410X

separatividade self-mundo e delimitação de um self humano em meio a outros selves, logo, fomentam autoconsciência no tempo.

Outra cena importante ocorre quando durante a conversação a pesquisadora joga com a menina, tentando esconder um celular embaixo de potes. A cena é transcrita a seguir.

PES	((pesquisadora tem o celular nas mãos))
PES	e se eu pegar ele e botar aqui
PES	((esconde o celular em um dos potes na frente da menina, depois inverte a posição dos potes)) Cadê o celular?
MEN	celular... ((olha para os potes))
MEN	((menina estende a mão para pegar o pote à sua esquerda, mas se interrompe)) ((a menina estende a mão para pegar o celular no pote à direita, e o vira
MEN	devagar; menina encontra o celular))
MEN	celular?...
PES	/achou! muito bem!

É importante dar atenção à modulação que o jogo provoca no comportamento e conversação com a criança. A princípio, pode-se dizer que a menina já foi introduzida a este jogo, pois entende as regras, ela sabe que há um turno que é o seu após o desafio ser colocado, e que coincide com o turno da conversação após a pergunta da pesquisadora, a criança também sabe que precisa escolher certo para achar o celular que foi escondido. Estes jogos interiorizados através da cultura são estruturantes da cognição da menina (Pedrosa & Carvalho, 2005), pois para jogar ela deve fazer emergir funções executivas e processos cognitivos existentes, como o controle inibitório ao se interromper (Vygotsky, 1988; Linask, 2019).

Quando no turno da menina ela refaz sua escolha e verifica se o celular está no outro pote e, neste comportamento, ela recruta a autoconsciência (Duval & Wicklund, 1972) como processo cognitivo para tomar a decisão mais coerente. De acordo com o



UFAM

REH- REVISTA EDUCAÇÃO E HUMANIDADES - ISSN 2675-410X

modelizado pela teoria, a criança poderia pegar o objeto na caixa errada e perderia o jogo, o que lhe colocaria em estado de incongruência frente a um padrão ideal, ou seja, acertar. Esta incongruência do *self* diante de um padrão gera estados aversivos e por isso para criança parece ser mais proveitoso ela tomar consciência de si e de seu comportamento a fim de tomar a melhor decisão (Silvia & Duval, 2001).

As nuances deste locus do desenvolvimento psicológico são transmitidas por meio da cultura e seus símbolos, como o aferido pelo congratular da pesquisadora “achou! muito beM!” com entonação no final da palavra e dito com intensidade. A menina, por sua vez, ao encontrar o celular diz em entonação leve “celular’...”, com pausa ao final. Neste momento a menina demonstra conhecer o objeto e emite uma fala espontânea, demonstrativa, sem haver ecolalia das palavras da pesquisadora.

Embora existam indícios do desenvolvimento de processos autoconscientes acontecendo na menina, estes ainda parecem estar muito incipientes e talvez residam em suas limitações relativas ao comprometimento da interiorização da fala, próprio do autismo severo, pois a reflexividade autorrepresentacional é positivamente associada a capacidade de fala interna (Morin & Racy, 2021). Por limitações metodológicas é impossível estabelecer a que nível essa criança articula o seu *self* fenomenal e se torna autoconsciente (Nascimento, 2008), seja por meio da fala interna ou por meio de figuras representacionais que ocorrem em sua mente.

5. Conclusão

O presente artigo teve o intuito de oferecer uma primeira entrada àqueles que desejam praticar a metodologia da análise da conversação em estudos da cognição humana envolvendo interações sociais. Tem-se por finalidade ampliar as agendas de pesquisa cognitiva com a adesão de contextos mais amplos do que àqueles previstos em laboratórios, ou mesmo nas raras situações verdadeiramente naturalísticas onde ocorre a conversação. Neste artigo, foram expostas diferentes metodologias conversacionais, bem como o passo-a-passo para transcrição de material audiovisual, e finalmente, contemplamos os leitores com um exemplo prático do uso da metodologia nas



UFAM

REH- REVISTA EDUCAÇÃO E HUMANIDADES - ISSN 2675-410X

investigações de índices psicológicos humanos, tal como utiliza-se a Análise da Conversação em estudos de desenvolvimento das autoconsciência em crianças com desenvolvimento atípico no Laboratório de Estudos de Autoconsciência, Consciência, Cognição de Alta Ordem e Self (LACCOS / UFPE).

Pesquisadores que desejarem se utilizar da metodologia conversacional em pesquisas envolvendo cognição humana deverão se atentar para as limitações do método e as extrapolações possíveis, conforme o que se discute nas novas agendas de pesquisa, no momento em conformação. Conclui-se que a análise da conversação não deve ser vista como uma panaceia metodológica para fenômenos cognitivos interacionais, mas é uma das soluções viáveis para situações de conversação, e resulta numa ampliação do escopo investigativo sobre cognição em contextos sociais dinâmicos.

Referências

- Abrahamson, D., Nathan, M. J., Williams-Pierce, C., Walkington, C., Ottmar, E. R., Soto, H., & Alibali, M. W. (2020). The future of embodied design for mathematics teaching and learning. *Frontiers in Education*, 5, 147. doi: 10.3389/educ.2020.00147. Retrieved from: <https://ccl.northwestern.edu/2020/Abrahamson-et-al.2020.Frontiers.pdf>
- Austin, J. L. (1962). *How to do things with words*. Cambridge, Massachusetts: Harvard University Press.
- Azevedo, A. (1991). *O cortiço* (1890). São Paulo: Moderna.
- Bronckart, J. P. (2012). *Atividade de linguagem, textos e discursos: por um interacionismo sociodiscursivo*. São Paulo: Educ.
- Buchholz, M. B., & Kächele, H. (2017). From turn-by-turn to larger chunks of talk: an exploratory study in psychotherapeutic micro-processes using conversation analysis. *Research in Psychotherapy: Psychopathology, Process and Outcome*, 20(3), 161-178. doi: 10.4081/ripppo.2017.257
- Buss, A. H. (2001). *Psychological Dimensions of the Self*. London: Sage.



REH- REVISTA EDUCAÇÃO E HUMANIDADES - ISSN 2675-410X

- Carvalho, F. S. P., & Santos, E. O. (2019). Análise da conversação e análise de rede social: técnicas para apoiar a mediação online. *Revista Educação e Cultura Contemporânea*, 16(46), 353-371
- Clayman, S. E., & Gill, V. (2012). Conversation Analysis and Discourse Analysis. In H. Michael, & P. James (Eds.), *Routledge Handbook of Discourse Analysis*. New York: Routledge.
- Dionísio, A. P. (1992). *A interação em narrativas orais*. Dissertação (Mestrado), UFPE
- Dittmann, J. (1979). Einleitung – Was ist, zu welchen zwecken und wie treiben wir Konversations – Analyse. In: *Arbeiten zur Konversationsanalyse* (pp. 1-43). Tübingen: Max Niemeyer.
- Duval, T. S., & Wicklund, R. A. (1972). *A theory of objective self-awareness*. New York: Academic Press.
- Estrada, R. D., Reynolds, J. F., & Messias, DeAnne, K. H. (2015). A Conversation Analysis of Verbal Interactions and Social Processes in Interpreter-Mediated Primary Care Encounters. *Research in Nursing & Health*, 38(4), 278–288
- Farias, S. C. de. (2012). A violação das máximas conversacionais no gênero textual entrevista. *Prolíngua*, 1(1). Retrieved from: <https://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/prolingua/article/view/13383>
- Favero, L. L. (1992) *Coesão e Coerência Textuais*. São Paulo: Ática.
- Frazão, E. A. D. S., & Lima, V. D. S. (2017). Análise da conversação no Brasil: os desdobramentos de um campo de formação multidisciplinar. *Revista Entrepalavras*, 7(2), 622-637
- Gallifa, J. (2018). Research traditions in social sciences and their methodological rationales. *Revista de Psicologia, Ciències de l'Eduació i de l'Esport*, 36(2), 9-20.
- Garfinkel, H. (1967). *Studies in ethnomethodology*. Nova Jersey: Prentice-Hall.
- Guessier, A. H. (2003). A etnometodologia e a análise da conversação e da fala. *Em Tese (Revista Eletrônica dos Pós-Graduandos em Sociologia Política da UFSC)*, 1(1), 149-168.



UFAM

REH- REVISTA EDUCAÇÃO E HUMANIDADES - ISSN 2675-410X

- Kendrick, K. H. (2017). Using conversation analysis in the lab. *Research on Language and Social Interaction*, 50(1), 1-11.
- Kerbrat-Orecchioni, C. (2014). *Análise da Conversação: princípios e métodos*. Trad. Carlos Piovezani Filho. São Paulo: Parábola.
- Linask, L. (2019). Vygotsky's natural history of signs. *Sign Systems Studies*, 47(1/2), 257-304.
- Lira, P. G. R., & Pedrosa, M. I. (2019). Empathic Communication in Cooperative Play of 2 and 3 Year Olds. *Paidéia* (Ribeirão Preto), 29, e2939. <https://doi.org/10.1590/1982-4327e2939>
- Lucena, J. M. F., Amorim, K. S., & Pedrosa, M. I. (2021). Aprendizagem Cultural por Crianças de Dois Anos em seu Grupo de Brinquedo. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, 21(3), 1087-1107.
- Marcondes, D. (2005). *A pragmática na filosofia contemporânea* (Vol. 59). Zahar.
- Marcuschi, B. (2010). Escrevendo na escola para a vida. In: R. Rojo, & E. Rangel (Eds.), *Explorando o ensino: Língua Portuguesa*. Vol. 19. (pp. 65-84). (Coleção Explorando o Ensino). Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica
- Marcuschi, L. A. (2003). *Análise da Conversação*. São Paulo: Editora Ática.
- Marcuschi, L. A. (1988). Manifestações de poder em formas assimétricas de interação. *Investigações lingüísticas e teoria literária*, 51-70.
- Marcuschi, L. A. (2008). *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola Editorial.
- Marcuschi, L. A. (2007). Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: A. P. Dionísio, A. R. Machado, & M. A. Bezerra (Eds.), *Gêneros textuais e ensino*. 5. ed. (pp. 19-36). Rio de Janeiro: Lucerna.
- Meira, L. (1994). Análise microgenética e videografia: Ferramentas de pesquisa em Psicologia Cognitiva. *Temas em Psicologia*, 2(3), 59-71.
- Meredith, J. (2017). Analysing technological affordances of online interactions using conversation analysis. *Journal of Pragmatics* 115, 42—55



UFAM

REH- REVISTA EDUCAÇÃO E HUMANIDADES - ISSN 2675-410X

- Mira, C. (2016). Conversação nas afasias: uma análise do tópico discursivo e do turno conversacional sob a perspectiva textual-interativa. *Linguagem em (Dis)curso – LemD*, 16(1), 133-152.
- Morin, A. (2005). Possible links between self-awareness and inner speech theoretical background, underlying mechanisms, and empirical evidence. *Journal of Consciousness Studies*, 12(4-5), 115-134.
- Morin, A. (2011). Self-awareness part 1: Definition, measures, effects, functions, and antecedents. *Social and Personality Psychology Compass*, 5(10), 807-823.
- Morin, A., & Racy, F. (2021). *Dynamic self-processes*. In *The Handbook of Personality Dynamics and Processes* (pp. 365-386). New York: Academic Press.
- Nascimento, A. M. (2008). *Autoconsciência Situacional, Imagens Mentais, Religiosidade e Estados Incomuns da Consciência: um estudo sociocognitivo* (Tese de Doutorado, Programa de Pós-Graduação em Psicologia Cognitiva, Universidade Federal de Pernambuco, Recife). Retrieved from: <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/8079>
- Neisser, U. (2014). *Cognitive psychology: Classic edition*. New York: Psychology press.
- Pecanac, K. E. (2018). Combining conversation analysis and event sequencing to study health communication. *Res Nurs Health*, 41, 312–319
- Pedrosa, M. I., & Carvalho, A. M. A. (2005). Análise qualitativa de episódios de interação: uma reflexão sobre procedimentos e formas de uso. *Psicologia: Reflexão e crítica*, 18, 431-442.
- Piaget, J. (1966). *Judgment and reasoning in the child*, 205. London: Taylor & Francis.
- Preti, D. F. (2001). A língua falada e o diálogo literário. In *Análise de textos orais* (pp.215-228). São Paulo: Humanitas FFLCH/USP
- Ramos, G. (1938) *Vidas Secas*. Rio de Janeiro: Editora Record.
- Sacks, H., Schegloff, E. A., & Jefferson, G. (2003). 1) Sistemática elementar para a organização da tomada de turnos para a conversa. *Veredas-Revista de Estudos Linguísticos*, 7(1-2), 9-73.



REH- REVISTA EDUCAÇÃO E HUMANIDADES - ISSN 2675-410X

- Santos, F. O. P., Correia, M. F. B., & Bezerra, H. J. S. (2020). Fala-Ação na Sala de Aula: Regulação Semiótica de Processos Cognitivos. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 36, e3633
- Scillio, M. (2010). Revisão: Bryan S. Turner (ed.): The New Blackwell Companion to Social Theory (Wiley-Blackwell, 2009). *Tese Onze*, 103 (1), 122-125. <https://doi.org/10.1177/0725513610386093>
- Searle, J. (1969). *Speech acts: an essay in the philosophy of language*. New York: Cambridge University Press.
- Searle, J. (1981). *Os actos de fala: um ensaio de filosofia da linguagem*. Coimbra: Livraria Almedina.
- Silva Júnior, S. N. (2015). Os excessos da Pausa Sintática Longa na interação verbal: uma Análise Conversacional de Caráter Enunciativo. *Revista Philologus*, 21(61). Rio de Janeiro: CiFEFiL, jan./abr.
- Silva, E. G. (2018). Implicaturas conversacionais e humor: uma análise do show de stand up comedy “Politicamente Incorreto” do humorista Danilo Gentilli. *Inventário Revista Dos Estudantes De Pós-Graduação Do Instituto De Letras*, 22, Salvador, dezembro.
- Silvia, P. J., & Duval, T. S. (2001). Objective self-awareness theory: Recent progress and enduring problems. *Personality and social psychology review*, 5(3), 230-241.
- Sternberg, R. J. (1996). *Cognitive psychology*. Orlando: Harcourt Brace College Publishers.
- Vygotsky, L. S. (1988). *A formação social da mente*. São Paulo: Martins Fontes.
- Wootton, A. J. (1997). *Interaction and the Development of Mind*. Cambridge: Cambridge University Press.

Sobre autores e contatos:

Alexsandro Medeiros do Nascimento



UFAM

REH- REVISTA EDUCAÇÃO E HUMANIDADES - ISSN 2675-410X

Doutor, Departamento de Psicologia – Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) – Coordenador do Laboratório de Estudos de Autoconsciência, Consciência, Cognition de Alta Ordem e Self (LACCOS)

E-mail: alexandro.mnascimento@ufpe.br

<http://orcid.org/0000-0002-9981-8384>

Antonio Roazzi

Ph.D., Departamento de Psicologia – Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)

E-mail: roazzi@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0001-6411-2763>

<http://lattes.cnpq.br/6108730498633062>

https://www.researchgate.net/profile/Antonio_Roazzi

Rafaella Asfora Siqueira Campos Lima

Doutora, Departamento de Psicologia, Inclusão e Educação (DPSIE) - Centro de Educação - Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)

E-mail: asforarafaella@gmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9065-3950>

Rodrigo Oliveira Damasceno

Doutorando em Psicologia Cognitiva pela UFPE, Membro do LACCOS

E-mail: rodrigo.odamasceno@ufpe.br

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0662-6827>

Silvania Lucia da Silva Carrilho

Doutoranda em Psicologia Cognitiva pela UFPE, Membro do LACCOS

E-mail: silvania_lucia@yahoo.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9192-1627>

Henrique Augusto Brust de Jesus

Mestrando, Doutorando em Psicologia Cognitiva pela UFPE, Membro do LACCOS

E-mail: henrique.augustobrust@ufpe.br

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9775-7867>

Camila Burle Arcoverde

Graduação em Psicologia pela UFPE, Estagiária no LACCOS no âmbito da componente curricular *Prática de Pesquisa 2* (PS277) do Curso de Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Pernambuco no semestre 2012.1.

E-mails: milaburle@gmail.com.

CV: <http://lattes.cnpq.br/4915820170659072>